

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º a entrega	37.º Anno — XXXVII Volume — N.º 1272	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	130	30 de Abril de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	640	130		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	640	130		

Embaixada do Brasil em Lisboa



EMBAIXATRIZ D. AMELIA REGIS DE OLIVEIRA



EMBAIXADOR DR. REGIS DE OLIVEIRA

CRONICA OCCIDENTAL

Ha dias, celebrou se, com girandolas altas de foguetes e roncões surdos de fanfaras, o anniversario da famosa Lei da Separação. Bandeirolas esverdeadas içaram-se, em gala, de longe em longe, nos edificios publicos — e manou, em apoteose, a eloquencia vermelha das bocas dos tribunos. Para nós passaria despercebido o facto, se neste momento não tendesse a alcançar maior significação. Intentou-se erguer em

alarme a consciencia liberal do paiz e pôr em contraste flagrante a manifestação promovida neste sentido ante a importancia sintomatica e decisiva das varias manifestações religiosas realizadas espontaneamente nos ultimos tempos. Sobre o caso ocorrem sempre considerações e nós, ao formulal-as, somos absolutamente insuspeitos.

Dizem que a implantação da Republica-Portuguesa, correspondeu a uma neces-

sidade social de momento. Dizem-no e podemos de leve acreditar. E, maior prova confirmativa desta asserção, podem apontar inclementemente a debandada covarde, espavorida, das ultimas unidades monarchicas, logo que soou numa limpida madrugada de outubro um toque-de-rebate de legionarios revoltosos. E se não assim, como poderá explicar-se a attitude impassivel duma provincia que é, indubitavelmente, energica, firme nos seus propositos e quasi inabalavel nas suas tradições antigas?... Os proprios monarchicos, convi-

ctos e filiados, concordam — era necessario dar expansão á ideia republicana como a uma brotoeja que esvurma e some-se...

Assim, tem explicação conveniente a frase conhecida de José Luciano — não lhe toquem, não lhe mexam, ela morrerá por si-mesma.

Atendam os senhores-republicanos a que o regimen vigente correspondia exclusivamente a uma necessidade social, não intrinseca, mas de momento. A implantação da republica obedecia a uma exigencia meramente política. Urgia, pois, que se empregassem processos novos e surgissem para utilização publica novas e incontestaveis capacidades politicas. Tal, porém, não se deu.

A mesma necessidade social subsiste.

Podemos, neste caso, admirar-nos de que um mesmo e geral descontentamento persista?

Certos republicanos observam o mal, sem no poderem remediar e clamam, a brados altos, que não é esta a republica que eles tinham antevisionado nos seus sonhos magnificos de ideologos ou idiotas. E não compreendem que assim formulam a sentença condenatoria desse regimen que pretendem servir e defender. Concêdam, então, a este povo digno e submisso, dolorosamente submisso, a republica melhor que sonharam.

Não querem? Não podem? Em todo o caso, perdem a nossa confiança generosa.

Suposto que o novo regimen correspondesse a uma ambição irresistivel da nacionalidade, é de intuição que todos os seus actos e leis tendessem a satisfazer-a plenamente.

Não é assim. Celebrou-se ha dias, com a possivel pompa, a Lei da Separação. Republicanos indigitam-na como a lei basilar da Republica. Simultaneamente, com modos energicos, proclamam-na Intangivel. Todavia, ela não corresponde a uma necessidade, antes, contraria pungentemente a consciencia nacional.

Dado que essa Lei, teoricamente, em espirito puro, não fosse, em absoluto, má, — a sua execução é pessima e visa a efeitos peores. O espirito religioso poderia talvez, aceitar-a, sem constrangimento. Entanto, o paiz não poderia aceitar, nem quereria suportar jamais a intenção jacobina que se lhe dá.

Se duvidas surgissem sobre a intenção, não areligiosa, mas evidentemente antireligiosa, que a dirige, bastava, para convencer-nos, avaliar da maneira como ela tem sido, até hoje, defendida e cumprida. Dizem republicanos que é a vigorosa força jacobina que anima e sustem o novo regimen.

A força jacobina agita revoltas, promove desavenças, fomenta discordias — mas já-mais cria ou mantem o equilibrio imprescindivel dum Estado. E um paiz não pode nunca viver em revolução perpetua. Invoca-se um argumento ultimo — a nossa nacionalidade é essencialmente areligiosa; sósinha e expoliada a minoria clerical ergue os braços em protesto. Não é verdade. Percôrram a provincia e facilmente se convencerão do contrario iniludivelmente.

ANTONIO COBEIRA.

A Embaixada do Brasil em Lisboa

Dr. Regis de Oliveira, primeiro embaixador do Brasil em Portugal

Entre as duas nações irmãs, Brasil e Portugal, que o mar separa por mais de cinco mil kilometros de distancia, mas que o sangue vem aproximando ha mais de tres seculos, desde que o primeiro português poz pé em terras de Santa Cruz, veiu agora estreitar mais a ligação destes dois povos, um acto político que significativamente se afirma, elevando á categoria de embaixada a representação reciproca nos dois países.

Tendo o governo da Republica elevado á categoria de embaixada a representação de Portugal no Rio de Janeiro, o governo da Republica dos Estados Unidos do Brazil não tardou a corresponder com a maior gentileza, assinando, em 14 de janeiro deste ano, o decreto que creava a embaixada do Brasil em Portugal, nomeando seu embaixador o ilustre diplomata sr. dr. Regis de Oliveira.

Reconhecida a alta competencia diplomatica do sr. dr. Regis de Oliveira, que tem desempenhado os maiores cargos politicos no seu país, e representando-o como embaixador em Paris, Londres, etc., não podia o governo brasileiro escolher melhor para representar a sua patria no seio da nação portuguesa, sua irman.

O sr. dr. Regis de Oliveira deixou o elevado cargo de sub-secretario do ministerio do exterior, para vir desempenhar em Lisboa a grande missão diplomatica de embaixador, acompanhado do prestigio que seus talentos lhe tem creado no seu país, e que, seguramente, lhe garantem a consideração dos portugueses.

O ilustre diplomata chegou a Lisboa no dia 18 deste mês, vindo no *Arlansa*, indo a bordo dar-lhe as boas vindas o sr. dr. Veloso Rebelo encarregado de negocios do Brasil, dr. Teixeira de Macedo, consul geral, mais membros da legação, o sr. Lambertini Pinto representante do ministro dos estrangeiros, Antonio Bandeira chefe do protocolo, a direcção do Club Brasileiro e muitas pessoas da colonia brasileira que aguardavam seu desembarque.

Ao encontro do ilustre diplomata foi sua ex.^{ma} esposa D. Amelia Regis de Oliveira que dois dias antes chegara de Paris, no *sud-express*, e á qual foi tambem feita uma carinhosa recepção, por grande numero de pessoas da colonia brasileira, em que se encontravam o srs. dr. Veloso Rebelo e sua esposa, Diogo Teixeira de Macedo, representante do consul geral, que não pôde comparecer por doença, Lambertini Pinto representando o ministro dos estrangeiros, Antonio Bandeira, o presidente da Sociedade Beneficencia, dr. Arlindo Leite e esposa, presidente do Club Brasileiro, José Nogueira Pinto e esposa, etc.

O dia 22 deste mês foi o marcado para a entrega das credenciaes, o que se realisou no palacio de Belem com todo o ceremonial do protocolo, correspondente á alta categoria de embaixador.

Sua ex.^a o embaixador e comitiva composta dos srs. dr. Veloso Rebelo, conselheiro da embaixada, Belford Ramos, secretario, e capitão Alvarim Costa, adido naval, fôram conduzidos em duas carruagens de gala, escoltadas por dois esquadrões de cavalaria da guarda republicana.

A' entrada do Paço de Belem fazia as honras militares um batalhão da guarda republicana, na força de 500 praças, com a respectiva banda, que tocou o hino brasileiro á chegada do embaixador, o qual foi vivamente saudado pelo povo que estacionava no grande largo.

No Paço de Belem foi o ilustre diplomata recebido por sua ex.^a o Presidente da Republica, secretario geral sr. dr. Forbes Bessa, srs. Luis Barreto, 1.^o official da presidencia, Mendes Cabeçadas e Pereira dos Santos officiaes ás ordens. Realizada a recepção, na sala amarela, ali se encontravam tambem o ministerio com o sr. presidente do governo, chefes dos gabinetes dos srs. ministros da guerra, da marinha e das colonias, secretarios de todos os ministerios, sr. dr. Henrique de Barros secretario particular do sr. Presidente da Republica, etc.

O discurso que o primeiro embaixador do Brasil pronunciou foi mais uma afirmação das fraternas relações daquela potencia com Portugal cuja ethnologia dos dois povos se identifica hoje mais do que antes nas mesmas aspirações e sentimentos.

Se o governo do Brasil pela boca do seu Embaixador veiu mais uma vez afirmar os sentimentos de fraternidade que natural e instintivamente o animam para com o povo português, o governo de Portugal, pela boca do Chefe do Estado declarou quanto o animam os mesmos sentimentos, estreitando se deste modo mais e mais os dois povos irmãos na comunidade de suas aspirações. E' esta a impressão que deixa a troca dos discursos pronunciados.

No mesmo dia da entrega das credenciaes, foi o Embaixador sr. dr. Regis de Oliveira e Embaixatriz sr. D. Amelia Regis de Oliveira cumprimentar a esposa do sr. Presidente da Republica.

No banquete ao corpo diplomatico, realisado, no dia immediato, no Paço de Belem, foi o novo embaixador que, na qualidade de decano, fez o *speech* do costume. Nas suas breves palavras expremiu quanto se sentia feliz por iniciar a sua alta missão em Portugal, agradecendo em nome do corpo diplomatico acreditado em Lisboa, o brinde do sr. Presidente da Republica aos chefes das nações ali representadas.

Foi na Sala Dourada que se deu o banquete, figurando por entre as decorações de flores e finissimas cristaes a celebre baixela Germain, das grandes festas da antiga côrte.

Presidiu o Chefe do Estado, dando a direita á embaixatriz do Brasil, a sr.^a D. Lucrecia de Arriaga a direita ao embaixador, sr. D. Regis de Oliveira, seguindo-se o corpo diplomatico: ministro da Alemanha e M.^{mo} Roseu; ministro da America e M.^{mo} Birch; ministro da Austria; ministro da Belgica e M.^{mo} Legnalt; ministro de Espanha e marquesa de Villaserida; ministro de França e M.^{mo} Daeschner; ministro de Nicaragua e M.^{mo} Planas Suarez; ministro da Holanda; ministro da Russia e M.^{mo} Botkine; Lady Carnegie, esposa do sr. ministro de Inglaterra, o qual não pôde comparecer por incomodo de saude; encarregados de negocios, de Italia, Noruega, Uruguay e M.^{mo} Ramos Monteiro, conselheiro da Embaixada do Brasil e M.^{mo} Velloso Rebelo; ministerio, presidentes do Senado e dos deputados, governador civil, presidente do municipio, todos acompanhados de suas esposas, comandante de 1.^a divisão militar, major general da armada e altos funcionarios dos ministerios, tudo em numero de 72 comensaes.

Além dos brindes que já referimos, houve um especial do sr. Presidente ao sr. ministro da Austria fazendo votos, pelas melhoras do venerando imperador Francisco José, brinde que foi agradecido pelo sr. barão de Kuhn de Kuhnfeld.

Depois do baquete seguiu-se o concerto por distintos professores em que se contavam os srs. Julio Caggiani, João Passos, Marcos Garin, tomando tambem parte a sr.^a D. Cailda Pereira Ramalho Ortigão, que cantou a valsa da *Sombra*, e o actor sr. Chaby Pinheiro, que recitou versos.

Terminou pelo minuet de Haydn, dansado pelas alunas da Escola de Arte de Representar, D. Rosina Rego, D. Justina de Magalhães, D. Luisa Lopes e D. Celeste Leitão, executado pelo sr. Lourenço Varela Cid Junior.

Foi uma festa de grande brilho para a Republica, que os chefes das missões diplomaticas em Lisboa, honraram com a sua presença, comprovando a cordialidade das relações externas da nação.



Estatua

Um busto escultural. Sob o alabastro Do colo, hombros e seio o sangue quente Palpita e flue tumido e fremente, Nos olhos o esplendor da luz de um astro.

Não teve mais belleza Ignez de Castro Para de amor fazer um rei demente. Não sei demonio, ao ver-te o que a alma sente, Para que abismo por meu mal me arrastro.

Calcas-me aos pés e vês que não protesto, Repelle-te a minha alma e não te esquece, Não sei bem se te adoro, ou te detesto,

Marmor tão frio nunca pensei que houvesse, Em vão supplico á estatua a voz, o gesto, Muda, indiferente a estatua permanece.

NEMO.

Maria Galvany



Reapareceu, entre nós, o notabilissimo soprano ligeiro — Maria Galvany. Regressa a terras de Portugal, após saudosa ausencia, a cantora predilecta do nosso publico, aureolada da mesma graça, prestigiada de gloria maior. A sua reaparição no palco do Coliseu dos Recreios, foi calorosamente, em delirio, perturbadoramente, ovacionada pela assistencia que enchia, au grand complet, a vastissima sala de espectáculo,

PELO MUNDO FÓRA

Em louvor da sciencia e da civilização, que muito devem á philantropia, deve mencionar-se a doação que o cervejeiro *Carl Jacobsen* fez ao Dr. *Harald Höffding*, professor de philosophia da Universidade de Copenhague e universalmente conhecido pelos seus innumerados trabalhos de philosophia psychologica. O benemerito testador legou ao inclito sabio uma magnifica vivenda e o rendimento de mais de mil libras.

Assim vale a pena estudar.

Em *S. Petersburgo* falleceu a *princesa Helena Mikallowna Basiatinskaia*, que legou toda a sua fortuna, avaliada em 750 contos, aos estudantes d'aquella cidade. Dois terços serão empregados na construcção e custeamento de um sanatorio, em memoria do filho da testadora, victimado pela tuberculose, quando cursava a universidade.

O *record* da philantropia cabe, porém, ao *archi-millionario* americano *John D. Rockefeller*, que á sua parte tem contribuido para o progresso da sciencia e para a educação dos seus semelhantes com a somma fabulosa de 180.750 contos de réis. Agora contribuiu elle com mais 9.000 contos para o *Instituto of Medical Researches*, onde ha uma secção especial para o estudo das doenças dos animaes.

A despeito do progresso realizado na construcção de aeroplanos e na sciencia da aviação, o numero de accidentes fataes continua a ser atterrador. Logo nos primeiros dias d'este mês a França perdeu tres aviadores: — *Emile Vedrines*, irmão de *Jules Vedrines*, o celebre aviador que, entre outros vôos notaveis, emprehendeu o de *Paris ao Cairo*. O outro aviador foi *Pierre Testulat*, morto com o seu passageiro no *Campo de Châlons*.

Os aviadores allemães teem ultimamente batido alguns dos *records* ganhos pelos francezes.

Otto Linnkogel ganhou o *record* da altitude, attingindo 6.339 metros. Ainda ha pouco elle subiu com um passageiro, no *Aerodromo de Johannisthal*, batendo o *record* da altura, que havia sido ganho pelo fallecido *Perveyon*.

Para se avaliar do progresso da aviação de anno para anno, basta dizer-se que, segundo uma estatistica do *Aero Club de França*, relativa a 1913, os aviadores francezes percorreram 13 milhões de kilometros, ou seja 325 vezes a circumferencia da *Terra*, ao passo que em 1912 percorreram apenas 3 milhões de kilometros. Sob o ponto de vista das horas de vôo: — 133.800 horas em 1913, contra 39.000 em 1912. Quanto ao numero de passageiros que não tiveram receio de andar pelo ar contam-se: — 47.900 em 1913, contra 12.200 em 1912.

Le monde marche.

Allianças e ententes, eis o thema dos artigos dos jornaes e das conversas diplomaticas, agora mais vivas e interessantes, porque se pensa em modificar a situação de algumas nações, no que respeita a combinações offensivas e defensivas. Discutiuse a viagem do ministro da marinha inglesa, *Winston Churchill*, á capital da Espanha, dizendo-se que a nossa vizinha pensa em ligar-se á *triplice entente*, cujos laços vão estreitar-se mais no momento

actual, em que francezes e ingleses confraternizam delirantemente nas ruas de Paris que festeja galhardamente o rei Jorge V.

Não menos interesse despertou a entrevista ha dias realizada em *Abbazia*, entre o conde *Berchtold*, ministro dos negocios estrangeiros da Austria-Hungria, e o *marquez de San Giuliano*, ministro dos estrangeiros da Italia. Nesse encontro se deviam ventilar todas as questões que se ligam aos *Balkans* e á situação do *Mediterraneo oriental*. A Austria e a Italia regularizam a situação da *Albania*, em que estão interessadas. Esquecem por agora as velhas dissensões entre os dois povos; mas todos sabem que os italianos são tratados como inimigos em *Trieste*; que continua a ser adiada a creação da universidade italiana naquella cidade; as violencias de que fôram victimas os italianos em *Graetz*; os incidentes de *Fiume*, e outros.

Vem a proposito dizer que na Hungria lavra grande propaganda contra a alliança italo-germana. O imperador Guilherme, na recente visita de *Vienna* obteve a esse respeito informações do conde de *Tizza*, presidente do conselho húngaro, que affirmou que o governo, bem como os chefes *Kossuth*, *conde Apponyi* e *Justh*, são favoraveis á triplíce, mas que o conde *Karolyi* preconiza a alliança com a Russia e a França, o que approximaria do governo os slavos da Hungria e traria a solução do problema das nacionalidades.

O Japão está de lucto pela perda da imperatriz viuva do imperador *Mutsuhito*, o primeiro imperador do *Day-Nippon*, com o qual casou em 1869. A imperatriz *Haruko* desempenhou um papel notavel na vida da cõrte nipponica, sendo dotada de vasta cultura artistica e litteraria e tendo cooperado muito para a melhoria social das mulheres d'aquella florescentissima nação.

Este extraordinario povo soffre hoje dos males de que enferma o Occidente da Europa. Entre elles avulta o escandalo politico e financeiro, que invadiu tambem o Japão, originando ali graves tumultos e a prisão de dois almirantes, alguns engenheiros navaes, diversos fornecedores de marinha. A camara assumiu uma attitude que provocou a indignação publica, por se supôr que se pretendia abafar o escandalo das fraudes nos fornecimentos. O governo de *Yamamoto*, que succedera ao do principe *Katsura*, teve que sacrificar-se, organizando-se o ministerio presidido pelo conde *Okuna*, o mais eminente dos estadistas japonezes. A queda do ministerio foi tambem devida á impossibilidade de se executar o plano moral.

Duelo formidavel se trava neste momento entre o *Presidente Huerta* do Mexico, e a esquadra norte-americana, por causa da prisão d'um official e alguns marinheiros da canhoneira americana *Dolphin*. O contra-almirante *Mayo*, em presença da recusa da reparação, conseguiu de *Wilson* a concentração da esquadra americana do Atlantico em *Tampico*, onde se iniciou fogo renhido.

O Mexico debate-se numa lucta terrivel, cujos resultados se ignoram. O combate de *Torreón*, que ficou na posse dos *constitucionalistas*, causou cerca de 3.000 victimas.

A Republica dos Estados Unidos do Brazil tem dado ao mundo exemplos de rasgada tolerancia politica e religiosa. Apraz-nos registrar nestas columnas mais

um d'esses casos, digno de ser seguido por todas as nações que primam pelo respeito das suas tradições e que se não deixam arrastar pelos elementos demagogicos e irreverentes. Referimo-nos ao officio que o governador do Estado do Maranhão sr. dr. Luis Antonio Domingues da Silva, ao abandonar o governo, dirigiu ao rev.^{mo} Bispo da sua Diocese, D. Francisco de Paula e Silva.

«Em vespéras de deixar este Governo, pelo termo do meu mandato, folgo de dar a V. Ex.^a Rev.^{ma} formal testemunho do meu maior reconhecimento pela parte que lhe dera na paz do Estado, durante todo o meu quadriennio.

«Ao espirito lucido de V. Ex.^a Rev.^{ma} não se me faz preciso encarecer a influencia do sentimento religioso sobre a conducta dos homens e, em consequencia, a do poder espiritual sobre a ordem social e politica dos Povos.»

.....
O Bispo do Maranhão agradeceu tão alta deferencia num officio em que se lê este bello periodo:

«V. Ex.^a, com esse largo descortínio, que é o apanagio dos corações magnanimos, não se contentou com uma tolerancia fria, talvez a unica prova de cortezia, que possa ser dispensada á auctoridade espiritual, num governo que não tem religião, e quiz que as relações entre os dois poderes fossem as mais cordeaes no governo de V. Ex.^a. E o foram, porque V. Ex.^a não julgou amesquinhar a sua dignidade de Governador do Estado, descendo até ao bispo diocesano, cercandoo de atensões e distinguindo-o sempre.»

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Helioterapia

(Cura pelo Sol)

Pais de sol, usam chamar lisongeiramente ao nosso, sem contudo se assenhorem das suas variadas belezas e não sabendo utilizar convenientemente as suas serranias, os seus vales pitorescos, o seu extenso litoral assoalhado...

Enquanto a *cura solar* se desenvolve lá fóra, em climas menos benignos e simpáticos do que o nosso, Portugal cheio de mais consideraveis belezas nativas, abundante de sitios e paisagens inesqueciveis, no seu Minho, em Tras-os-Montes, nas suas Beiras, no Gerez ou na Arrabida, na Serra da Estrela ou no Monchique, ou ainda nas luminosas praias que se estendem preguiçosamente, a espaços, na linha sinuosa que o Oceano acaricia brutalmente e sem cessar, continúa a ser a *terra ignota* de nacionais e estrangeiros. Se estes soubessem de tanta riqueza, de tanta formosura, tão mal aproveitada, não duvidariam envidar todos os esforços para constituir aqui e alem empresas lucrativas, nessas admiraveis estancias da montanha ou da beira-mar, onde se pode aspirar sem receio o ar puro, onde uma luz forte e serena sobredoura todas as cousas e só por si constitue um sufficiente estimulo, onde a vegetação acrescenta ao pitoresco dos vales e das encostas e auxilia o trabalho dos agentes naturais fortificantes.

Observando o que fazem os suíços nos seus Alpes e nos seus lagos, no culto patriótico e ao mesmo tempo utilitário das cousas belas e grandiosidades do seu país, poderíamos dizer, sem assomo de pessimismo, que nós os portugueses praticamos justamente ao contrario: o desrespeito e o desprezo por tudo que é nacional, abandonando muitas vezes aqueles que teem dinheiro, os admiráveis lugares de tratamento, as estações de repouso, as excelentes termas e as magnificas praias, por similares do estrangeiro, que ás nossas se não avantajam mais do que no luxo e na opulencia do conforto, na variedade e multiplicação das diversões, na facilidade comoda dos transportes e na celeridade da viação, que verte nesses lugares amenos a multidão crescente dos viajantes.

Segundo a frase conceituosa e ao mesmo tempo elegante do dr. Baradat, de Cannes, o país não deve desinteressar-se dos beneficios incalculaveis da *casa pelo sol*; precisamos neste sentido cultivar primeiro e desenvolver umas certas estancias, onde ela se pode muito belamente executar, evitando assim a drenagem correspondente de ouro, que se faz para o estrangeiro, de verão e de inverno, sobretudo de verão, a titulo de ir procurar nas estações climatericas lá de fóra o bem-estar, a doce tranquilidade, a luz estimulante e a atmosfera rehabilitadora, de que carecem os organismos debeis ou enfraquecidos, que a anemia entretém numa simpática morbidez, ou por qualquer motivo carecem de uma convalescença em condições especiais.

A terapeutica solar (*helioterapia*) feita de instincto, empiricamente, é velha como a arte de curar; só temos, na epoca presente, de distinguir os seus elementos constituintes e tratar da instituição do seu emprego em método scientifico, de fazer da tecnica da sua aplicação uma verdadeira arte. Nas antigas civilizações o Sol era tido como uma divindade bemfazeja e se ha uma adoração ingenua, que mereça respeito, é a candida devoção dos Parses pelo Astro do dia. Os antigos gregos e romanos parece que pensaram em utilizar a luz solar em certas doenças; Hipocrates dava aos ulcerosos o conselho salutar de exporem as suas chagas ao Sol.

Os povos selvagens fazem helioterapia sem o sentirem, ou melhor, sem o sabermos, como fazia prosa aquella personagem de Molière, assás lembrada... Certas molestias, como as tuberculoses externas, são pouco conhecidas entre as populações africanas, que sofrem os ardores do Sol, na Mauretania, por exemplo, onde a insolação é quasi uma condição permanente, higienica, naturalmente respeitada, ao passo que nos arabes que vivem retirados, sedentarios, privados do beneficio da luz e do ar, a tuberculose é relativamente frequente.

A verdadeira iniciação da cura metódica helioterapica vem dos fins do seculo XVIII. Em 1774, o cirurgião francês Faure, conforme se acha registado nas *Memorias da Academia Real de Cirurgia*, tentava o tratamento das ulcers de perna pela aplicação da luz solar e, quase pelo mesmo tempo, La Peyre e Le Comte comunica-

vam á *Sociedade Real de Medicina* algumas observações de culceras uradas pela exposição ao sol.

Desde essa epoca, trabalhos dispersos, como o de Cauvin (1815), sobre os bons resultados da insolação, revelam a volta, de vez em quando, á mesma fonte de energia luminosa curativa.

Foi porém á custa de um trabalho de renovação tecnica, instaurado pelo professor dinamarquês Finsen, de cuja experiencia clinica dimana um estudo mais insistente e pormenorizado, acompanhando o estudo largo e aprofundado das diferentes radiações, que se estabeleceu definitivamente o valor da acção da luz em terapeutica.

Varios experimentadores perscrutaram a influencia da iluminação solar sobre o sangue. D'ahi á instituição da helioterapia, tal como hoje se pratica, na montanha ou nas estações maritimas meridionais, vai um passo facil de transpor.

Os medicos que se teem dedicado ao estudo particular da climatoterapia são os que pregam adiante de todos na cruzada a favor da *luz curativa*. Ollier e Poncet, de Lião, são dos primeiros a quem se deve essa aplicação especial de fisica e a sua generalização. O dr. Poncet pratica-a sobre os terraços do Hotel Dieu daquela cidade.

Em geral, os medicos das regiões do Sul da França e os que dirigem ou fazem a clinica dos sanatorios de montanha são os que recomendam especialmente o emprego deste agente e mais de perto reconhecem a excelencia dos seus efeitos. São,

por exemplo, Vidal e Jaubert, d'Hyères; Grinda, de Nice; Baradat, de Cannes e ainda outros.

A este respeito são tambem notaveis os resultados de Malgat e de Rollier, sobre a tuberculose, assim como os d'outros medicos que, nos ultimos anos, se teem dedicado ao tratamento das localizações externas desta doença, mais especialmente das tuberculoses osseas, por meio da helioterapia ou da combinação desta com a cura maritima.

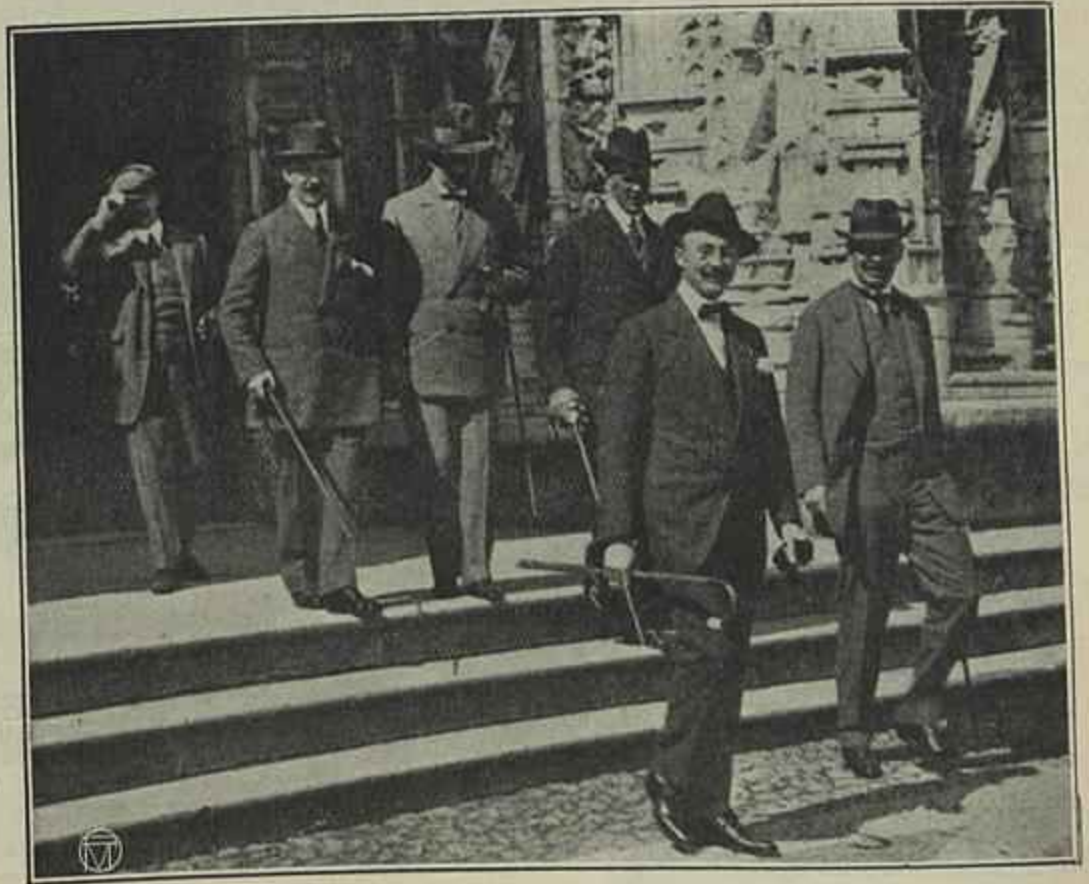
Nos congressos de medicina e nos consagrados propriamente á tuberculose, a cura solar, separadamente ou associada á climatoterapia, teve occasião de exhibir a sua valia, comprovada por numerosas observações de especialistas e de praticos reputados.

O exito do tratamento de altitude, muito preconizado desde certo tempo, para determinados casos e estados desta doença, não tem, muitas vezes, outra explicação, que não seja a da influencia da luz, que os enfermos recebem, nessas alturas, mais rica de raios actinicos, que são absorvidos nas camadas inferiores da atmosfera e, pelo contrario, atravessam impunemente as mais altas regiões atmosfericas. Tambem as diferentes maneiras de empregar a climatoterapia maritima, pela estação prolongada ou pelas viagens, participam do elemento luz, que opéra de um modo semelhante ao que se observa na montanha, porque no litoral e no alto mar a quantidade de radiação luminosa é maior.

(Continúa.)

J. BETTENCOURT FERREIRA

da Academia das Sciencias



Príncipe Schaumbourg-Lippe

S. A. O PRINCIPE SCHAUMBURG-LIPPE EM LISBOA VISITANDO O MOSTEIRO DOS JERONIMOS

O Príncipe Adolfo de Schaumbourg-Lippe, que nos ultimos dias visitou Lisboa, descende em linha réta do Conde Reinante, Guilherme de Schaumbourg-Lippe, Conde Suberano de Schaumbourg, Conde e Nobre Senhor de Lippe e de Steenberg, etc., Marechal General do Exército Português para o que foi contratado em 1762, pelo Marquês de Pombal. Terminada a guerra pelo tratado de paz de Fontainebleau, reorganizou o nosso exercito e melhorou algumas das fortificações portuguezas, construiu a fortaleza de Elvas, que por muitos anos se chamou Forte de Lippe. El-rei D. José I conferiu-lhe as honras de príncipe, quando regressou ao seu país.

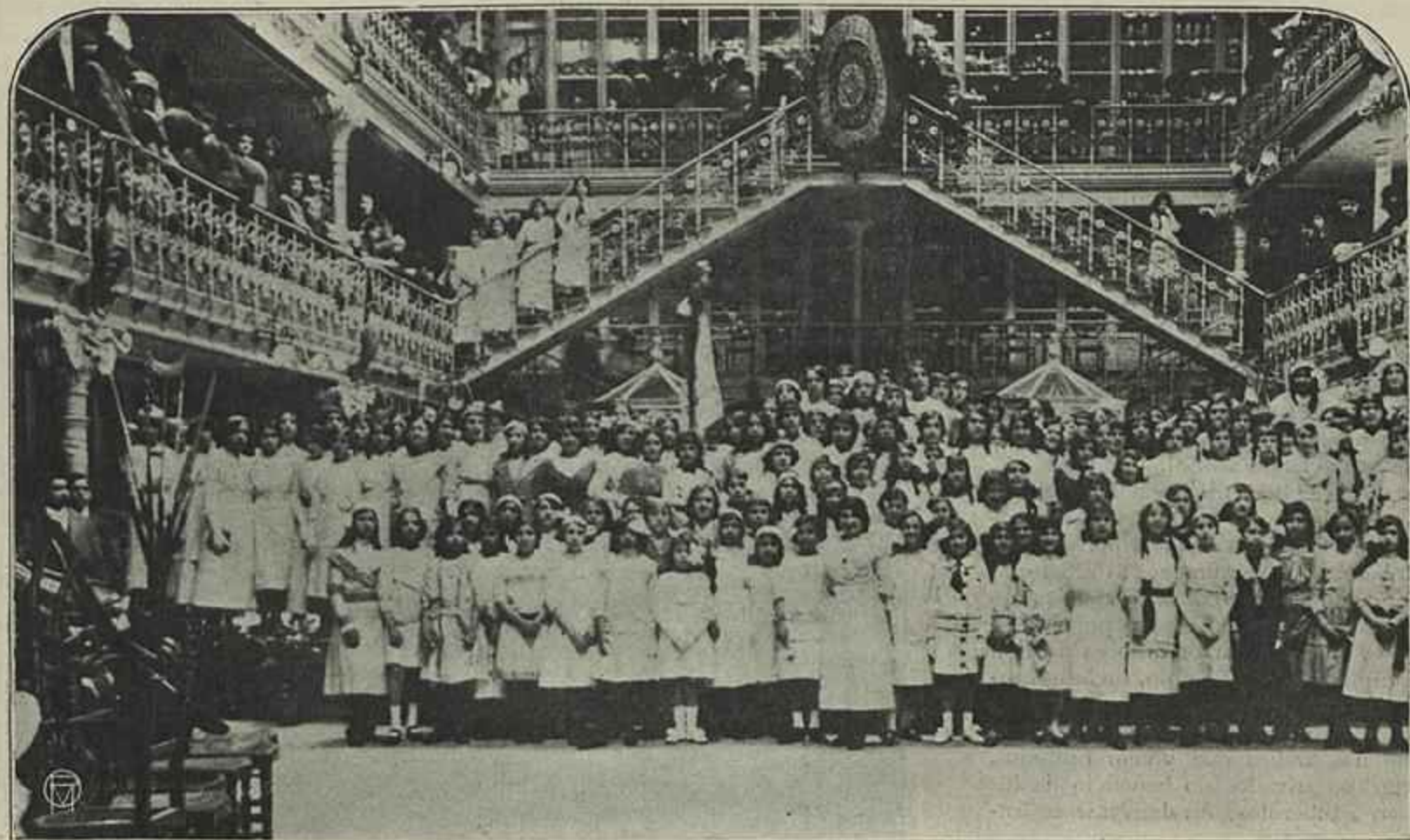
O Congresso Pedagógico



DR. MATTOS CID, *Ministro da Instrução*



ANTONIO FERRÃO, *secretario geral do Congresso*



O ORFEON DO LICEU «MARIA PIA» NA SESSÃO INAUGURAL DO CONGRESSO

Dia 15 do mês corrente, pelas 14 horas, realisou-se sob a presidencia do Chefe de Estado, na vasta sala «Portugal» da Sociedade de Geografia de Lisboa, a sessão inaugural do 4.º Congresso Pedagógico. Concorreram em numero consideravel, congressistas recémvidos das quatro partes do paiz. As teses, em discussão, eram, na verdade, interessantes e momentosas. Antes da hora previamente determinada já a elegante e ampla sala se encontrava literalmente plena. O Orfeon do liceu feminino, Maria Pia, tocou de graça aquele ambiente de gravidade. A missão do Congresso era tratar da condição economica e intelectual dos professores primarios.

O Congresso Pedagógico encerrou-se, entusiasticamente, dia no 19.

Opera Lirica no Coliseu dos Recreios

ALFREDO MASCARENHAS
BarytonoANTONIO SANTOS
Emprezario

Desde que o activo empresario sr. Antonio Santos inaugurou em Lisboa a opera lirica ao alcance das bolsas mais modestas, que o publico da capital espera sempre com alvoroço a inauguração da época lirica, no Coliseu como uma das diversões que mais o atrae e ao mesmo tempo o educa na apreciação da bela arte da musica, como se tem comprovado, nos ultimos anos pelo incremento progressivo dos concertos e cultura da musica.

A época lirica, este ano, foi inaugurada em sabado de Aleluia, como é costume, com um belo elenco de artistas e operas, dos melhores qua ali se tem apresentado.

No elenco dos artistas contam-se os seguintes: Maestro director da orquestra Sebastian Rafart; outro maestro: Amedeo Ferrer; sopranos: Giulia Bari, Felisia Orduña, Maticena Pittorolo, Rachel Ferrer de Climent; mezzo-soprano: Dolores Frau, Rosalia Pangrazy, Giulia Finzi; tenores: Alfredo Cecchi, Luigi Canalda, Giacomo Eliseo, Michele Mulleras, Mario Serretti; baritonos: Edgardo de Marco, Carmelo Maugeri, Alfredo Mascarenhas; baixos: Eugenio Miracle, Giuseppe Sorgi; tenor comprimario: Antonio Oliver; baritono comprimario: Giuseppe Fernandez; baixo comprimario: Gustavo Pocchi; baixo comico:

DOLORES FRAU
Mezo-suprano

Giovanni Normendi; director de scena: Eurique de Val, dermosso; ponto: Manuel Mendizabal; 30 corista do Teatro Rial de Madrid e 12 bailarinas do mesmo teatro; 40 professores de orquestra e 20 professores de banda, etc.

A primeira opera cantada foi a *Aida*, belamente posta em scena com magnificos coros, sendo muito aplaudidos os principaes interpretes, sr.^a Giulia Barri, na protagonista, sr.^a Dolores Frau, *Amneris*, o tenor Alfredo Cecchi, *Radamés*, baritono De Marco e baixo Luigi Sorgi.

A segunda opera cantada foi o *Lohengrin*, que teve um exito enorme, distinguindo-se a sr.^a Orduña, já conhecida do nosso publico, a sr.^a Dolores Frau na parte de *Octruda*, tenor Mulleras, baritono De Marco e baixo Giulio Vittorio.

O *Ernani*, em que o baritono portuguez sr. Alfredo Mascarenhas cantou a parte de *Carlos V*, alcançando mais um triunfo na classica opera de Verdi.

Na *Carmen* estreiou-se o soprano Rosario Casas e tenor Luigi Canalda, que agradaram em extremo.

Cantou-se a opera *Madame Butterfly*, pelas sr.^{as} Orduñas e Morenzi e os srs. Mulleras e Mascarenhas, que teve um belo desempenho.

Em seguida a esta opera foi cantado o *Fausto* pelos mesmos artistas, com geral agrado.

Para estreia, nesta época, da soprano ligeiro Maria Galvani, cantou-se a *Lucia*, em que a festejada cantora, tão querida do publico, alcançou novos triunfos.

A *Africana*, cantada por Giulia Bari, Rachel Ferrer, Maugeri e Luigi Canalda, foi bem acolhida pelo publico, como aplaudidas foram as operas, *Cavalaria Rusticana* e *Palhaços* dadas em recita da moda.

Estes principios da época lirica prometem bellas noites de musica com o grande repertorio de operas a cantar, *Huguenottes*, *Sansão*, *Tannhauser*, *Barbeiro de Sevilha*, *Favorita*, *Cavalaria Rusticana*, *Palhaços*, *D. Pascoal*, *Norma*, *Trovador*, *Africana*, *Fedora*, *André Chénier*, *Dinorah*, *Tosca*, *Bohème*, *Mefistofeles*, *Sommambula*, etc., devendo ainda apresentar-se duas novas operas, que pela primeira vez serão ouvidas em Lisboa: *Proserpina*, de Saint-Saens, em 4 actos, e *Ruconti de Offmann*, opera fantastica em 3 actos, de Offenbach.

Além destas ainda se cantarão pela primeira vez, do Colisen, *Walkyria*, *Dannacione di Fausto* e *Orfeu*, de Gluck.

LUIGI CANALDA
TenorCARMELO MAUGERI
Barytono

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorisada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

V

AS VOZES DO CEGO

(Continuado do numero antecedente)

— Meu caro Steinbaum, disse Fombreuse, uma grande carta de Serafina, ainda me veio fazer gostar mais d'ella; quer ver o que ella me diz: «Não calcula como toda esta região é bonita! O ceu é clemente, as montanhas e o mar harmoniosos. A nossa casa é longe da povoação; e o nosso jardim é coberto de flôres. Temos ás vezes tardes, que o pôr do sol é um deslumbramento para a vista. Nunca me deixe de escrever, e diga-me de todos os seus projectos em musica, pois sabe já bem que apenas vivo da sua gloria.» E' do seu amor, Steinbaum, que nasce a minha vontade de trabalhar. Tambem me falla de Walter e diz-me que me vae enviar para elle algum dinheiro dos seus pobres.

— Quando se encontra com Walter?

— Hoje mesmo. Devo conduzi-lo a casa de Bunière, quer vir conosco?

— Não, obrigado. Hoje é domingo e quero passear com Lisbeth e com os pequenos.

Pelas duas horas, Fombreuse chegava a casa de Wolfram. Este habitava um quarto em Marais, proximo de Steinbaum e de Fombreuse. Ambos o tinham arrancado á miséria de Montmartre, secundados pelas esmolas de Serafina. O filho de um visinho lhe servia de guia. Tinha o seu piano, mas o genio de Wolfram estava por vezes irritado por causa do abuso de absintho. Passava horas preludiando, e Fombreuse assistia ao renascimento d'esta intelligencia.

Logo que Fombreuse entrou, Wolfram, assentado junto de uma janella, longe de um fogão onde se consumia um fogo debil, estava pensativo e triste.

— Está melhor ao pé do fogão, disse Fombreuse.

— Não, gosto mais do calor doce do sol. E' como se fosse uma caricia a penetrar na minha carne. O sol! Se o senhor soubesse como é um mysterio para mim o seu calor!

— Sente-se agora melhor, não é verdade?

— Sempre fraco, mas a cabeça sempre bem, se podesse anotar tanta coisa que tenho em mente?

— Eu venho busca-lo para o levar a casa de Bunière; fala-se lá de musica, toca-se, sente-se com forças?

— De boa vontade.

Wolfram levantou-se e Fombreuse ponde notar como o pobre cego andava por toda a parte com tanta certeza.

— Tudo está aqui no seu lugar, eu chego a adivinhar como as coisas estão. Por exemplo: pela sua voz calculo que tem á roda do pescoço qualquer coisa.

— Tem razão, é extraordinario!

— E' muito natural; o nosso ouvido e o nosso tacto estão muito apurados, é uma consolação. Não sei onde está o meu chapéu.

— Alli, em cima de uma cadeira.

— Este maldito rapaz; depois da limpeza da manhã, sou obrigado a arrumar eu proprio os moveis. Elle não comprehende o que seja a ordem. Tenho pena do Fabio, pobre criança, quiz gozar a liberdade...

— Andou mal, Wolfram...

— Andou, andou. Amei-o como a um irmão.

Pelo caminho Wolfram contou a Fombreuse toda a historia de Fabio.

Wolfram, filho de lavradores, gente pobre e humilde, passára uma triste mocidade; cego, apenas se apercebia do mundo d'um modo vago. A mãe não via outra coisa no mundo, e elle correspondia-lhe como um dedicado e bom filho. A' custa de sacrificios deu-lhe uma educação musical, e o cura da aldeia, seu unico professor, não via senão aquelle discipulo.

— Eu tinha Fabio ha alguns mezes, quando parti com elle para a costa bretan. Passei lá uns mezes encantadores. A *Amiga Suprema*, a musica, me consolava sempre.

— Chegamos á porta de Bunière, disse-lhe Fombreuse.

— Entramos, não é verdade?!

Chegaram no momento em que havia uma grande polemica sobre litteratura.

— Sim, affirmava Deneschal, um jovem mathematico que o estudo das sciencias exactas o affastava de toda a psychologia, viu, como a nossa litteratura, que apenas dá ao homem o soffrimento á miseria physica, faz o mal do pensamento.

— Nós fizemos da dôr uma coisa nobre, disse Leramel um romancista.

— Quer dizer que á força de sondar a ferida, chegou á chaga.

— Então quer uma arte alegre?

— Sim, talvez!

— Ah! n'esse caso quem diz arte, diz dôr!

— Pois sim, mas nada de brincar com a felicidade dos outros.

— Deixemos os livros e olhemos para as partituras, disse Bunière.

— Sim, a musica, replicou Leramel.

— Sim, a musica. Nada chega a uma cantata de Bach, a um adagio de Mozart ou de Beethoven.

— Ah! ah! a doce musica.

— Não se ria. Temos aqui bellos musicos que fallarão por mim.

— Perdão, meu caro amigo, os musicos são muitas vezes levianos a defenderem a sua arte. A critica e a invenção não estão bem no proprio individuo.

Wolfram junto do fogão parecia estranho áquella conversa.

Recomeçava-se a eterna disputa da musica. Não será ella um feliz arranjo de notas, procurando sensações agradaveis no ouvido?

— Exactamente, dizia Deneschal, é um encanto para o ouvido, um ruido melodioso. Apenas ultimamente lhe querem dar direitos que ella não pôde possuir.

— Isso mesmo, a mania que têm alguns até da musica com côres?! disse Yvon Keradeuc.

Fombreuse dizia a Deneschal:

— Mas, meu caro, é necessario a idade madura d'um homem, uma vida de estudos para tirar da sua alma essa linguagem

em palavras como é a musica e o senhor quer logo comprehender tudo!

— O chinez então, que é cheio de paciencia.

— ...ignorantes! acabou rapidamente Fombreuse.

— Naturalmente deseja comparar então a musica ás mathematicas?

— Não senhor, d'um lado está uma sciencia, do outro uma arte. Beethoven é incapaz de fazer um curso de acustica, mas compoz a 9.^a symphonia.

— Pois sim, disse Deneschal ironico. Mas quem deu ao homem os elementos d'essa arte? Vieram dos ruidos da natureza, ou cahiram da harmonia celeste as esferas de Pythagoras?

— Da voz humana, meu senhor.

Era Wolfram que respondia.

— Ah! a voz humana, disse Wolfram, traduz tudo da alma, o diabolico e o divino! E como fascinado por uma serie de ideias fixas continuou:

(Continúa.)



Livros-Novos

O Parsifal de Ricardo Wagner

(Notas e analyse do poema) — por Alfredo Pinto (Sacavem)

Não ha duvidar, o movimento musical, nos tempos ultimos, vai tomando pelo nosso meio restrito, desenvolvimento e interesse. A cada momento, vemol-o que se engrandece de proporções e mais e mais se intensifica. Audições musicas frequentes, no Conservatorio, no Salão da Trindade, no Teatro de S. Carlos, concertos sinfonicos, dignos de registro relevante, no Teatro da Republica e Teatro Politeama — suscitam entusiasmos no animo acolhedôr do publico.

E' de notar o esforço metuculozo empregado pelos nossos chefes-de-orquestra na escolha e instrumentação das partituras.

Pode dizer-se que, por vezes, certos programas musicas tendem subtilmente a acomodar o auditorio a novas formas, e assim dar-lhe educação mais ampla e moderna.

Creemos — não virá distante o dia que possa dar-nos o altissimo prazer espiritual duma audição, ao menos, conveniente, dalgumas obras de Brukner, Mahler e Wagner. Wagner...

E' sobre o extraordinario poema — *Parsifal* — do Mestre-Supremo da musica contemporanea que incide, por ora, a atenção do nosso colaboradôr e amigo, sr. Alfredo Pinto (Sacavem). E' simplesmente uma iniciação facultada aos novos que a arte divina emociona e exalta. Para a comprehensão mera da obra wagneriana, é, imprescindivelmente, necessario, o conhecimento do seu escorço literario, se não, em absoluto, a noção da ideia filosofica-artistica que a dirige. O sr. Alfredo Pinto não ignora baldas e ronhas dos nossos musicos e publico. Em regra, o conhecimento literario falha na cultura musical. O autôr é incisivamente verdadeiro, ao notar «a falta de instrução literaria do musico em geral e a presumpção do publico que finge por *snobismo* perceber de

musica e aprecial-a, quando apenas vae aos concertos pela corrente ridicula da moda ou segundo a forma como os reclamos fôram preparados».

Para obviar a estas faltas na cultura da musica wagneriana, foi publicada esta obra correcta e simples. Entre os criticos musicas que para ahi exameiam, a zunir, impertinentemente — reconhecemos distintamente no sr. Alfredo Pinto (Sacavem) probidade e autoridade incontestaveis.

A. C.

«Livro de Horas»

POR

Hippolyto Raposo

N'uma gulosice espiritual de deleite ineffavel, acabo de devorar d'um trago, com a avides d'esfaimado, o *Livro de Horas*, que Hippolyto Raposo gentilmente me offereceu, escripto durante o seu curso universitario e ora dado á estampa pela importante casa editora França Amado, de Coimbra.

Fôram três breves horas de leitura proveitosa e de prazer.

E sob a mais deliciosa impressão, entristeci ao chegar ao fim, arrependido de ter estugado a leitura na ancia d'um esquisso d'essa obra cheia de belleza, forte e sã, impressionante e bõa.

Photographando, bosquejando e pintando qua-

dros e pessoas de Coimbra, faz carpir saudades por essa terra adoravel aos que a conhecem por tradição, ou por lá passaram uns dias na *republica* de algum amigo, quanto mais aos que ali viveram e arrastaram a mocidade estavanada por essas ruas, e alaram a phantasia ás alturas luminosas d'um sói tão vivo, creador e portuguez!...

Chegámos ao cabo do livro e entristecemos, sim, porque achámos pouco. Queriamos mais. Muito mais.

Ficou bastãnte por dizer

Não disse da Sé Novo, da Sé Velha, da Santa Cruz, do Jardim Botânico, do Arco d'Almedina, do Choupal, da Rainha Santa e de todos e de tudo, emfim, que em Coimbra é tradicional e lendario.

Vinte e oito capitulos foi pouco. Muito pouco.

Com um grande poder descriptivo e senhor d'um vocabulario perfeito e completo, sem arrebiques ridiculos, nem geonias enervantes, Hippolyto Raposo é para mim o Balzac portuguez e o escriptor da sua geração de mais brilhante futuro. A vasta erudição e o amor apaixonado que tem pelo estudo e por tudo que seja Arte, se fizeram já d'elle o *novo* de maior nome entre os criticos e prosadores que vieram no seu tempo, hão de no futuro collocá-lo na evidencia gloriosa a que só podem subir os espiritos feitos de luz.

Na sua obra d'agora, impecavel, onde se manifesta um verdadeiro culto pela Fôrma, o talentoso escriptor consegue ser invulgar, ou melhor, alcança caracterisar-se, ser elle e só elle, não só quando nos descreve o *pêe-mele*, dos objectos da *casa auxiliar de credito industrial* — o melhor capitulo do seu livro — como quando nos conta o sonho do archeiro velho ao morrer o Dr. Calixto — paginas assombrosas de phantasia arrepiante e entristecedora — como fazer-se escriptor *demodé*, no *Cavalleiro da Saudade*, em que nos remonta ao tempo medieval, de prosasias e heroicidades, e aos paizes dos mandatarios,

onde os sonhos e as aventuras d'amôr crearam lendas e vincaram epochas.

E confrontando essas soberbas paginas com a berdunsella litteraria da firma de elogio mutuo d'irresponsabilidade ilimitada, que se designa arrojadada e excentricamente por *Renascença Portuguesa*, a gente sente ganas de dar sarabanda n'aquelles laborostes das lettras até os deixar sem vontade de reincidir no attentado nephelibático a toda a hora perpetrado com palmas e foguetes a expensas da mesma sociedade.

Isto vem a proposito... vem sempre a proposito amachucar aquelles philanciosos almas do diabo, para se convencerem de que só elles mutuamente se admiram; mas agora não podia deixar de especialmente os distinguir para lhes dizer que lendo o livro de Hippolyto Raposo em três horas, sei-o todo, d'elle posso fallar como que o tivesse decorado. Lê-se e fica. E ha perto de um anno que, nas horas d'insomnolencia, ando a ler o *Regresso ao Paraíso* e *As Sombras*, de Teixeira de Pascoaes, e ainda vou a menos de meio!

Ha ali uma ou outra coisa bem feita — a verdade primeiro do que tudo — mas dos dois livros não fica uma estrophe, um verso, por melhor que seja a memoria e o interesse do leitor.

E' que *aquillo* não se comprehende, não diz coisa alguma. E o *Livro de Horas* — saliente contraste — fez-nos pensar que se os seus homographos de Catharina de Medicis e de Anna de Bretanha interessaram e ficaram, tambem este interessa e hade ficar.

JULIO RIBEIRO.

O passado guarda um reflexo dos nossos primeiros sonhos e parece superior ao presente, simplesmente porque é o passado.

Julio Claretie.

Concerto de D. Carolina Palhares

D. Carolina Palhares realisou, ha dias, na cidade do Porto, como já efectuara em Lisboa, um magnifico concerto, em que mais uma vez pôs em evidencia as suas eximias qualidades de amadora e professora de canto. Em Lisboa, o programa realisado foi o seguinte:

1.^a parte — I — a) Tirindelli, *Amor, Amore*; b) J. Neuparth, versos do Dr. Alfredo da Cunha, *Trovas*.

II — a) Pinsuti, *Il Libro Santo*; b) Rubinstein, *La Nuit*.

III — Weber, *Scena e aria de Freischutz*.

IV — Rotoli, *Nocturno de Chopin*.

V — a) Gounod, *Romeu e Juliette*; b) A. Sarti, *Papoulas*.

2.^a parte — VI — Fernando Moutinho, versos de Maximiliano de Ricca, *Dialogo, Margarida*.

VII — a) Massenet, *Hymne d'amour*; b) Tosti, *Perdutamente*; c) Canções portuguezas.

3.^a parte — VIII — a) Meyerber, *Vaga donna, Gli Ugnotti*; b) J. Neuparth, versos de José Coelho da Cunha, *Ballada á lua*.

IX — Tosti, *Sorridimi*.

X — a) Leoncavallo, raconto Mimi, *Bohème*; b) J. Neuparth, versos de João de Deus, *Beijo*.

XI — Verdi, *Aida* — Duo.

XII — Ambroise Thomaz, *Amleto*, scena e aria da loucura.

XIII — a) Meyerber, *Africana*, filho del sol; b) Quaranta, *E' morta*; c) Oscar da Silva, *Valsa triste*.

No Porto, os fartos aplausos e palavras calorosas de louvor que D. Carolina Palhares recebeu dum auditorio escolhido e entendido, fôram uma consagração justa aos seus meritos incontestaveis. Ha muito tempo que D. Carolina Palhares tem firmados os



Em pé — MENINAS A. F. PALHARES S. PEREIRA, FERNANDA NEUPARTH, MARIA E. PINTO RODRIGUES. — Sentadas — D. RUI PEREIRA, D. CAROLINA PALHARES.

O Concerto de D. Carolina Palhares no Salão Passos Manuel no Porto

seus credits — e as audições admiraveis que de longe em longe nos faculta, sómente, mais e mais tendem a encarecêl-os. De tal modo que não sabemos que mais admirar — se os seus dotes de cantora culta, se o seu trabalho aturado e meticoloso de professora.

O concerto efectuado é uma demonstração inludivel das grandes capacidades artisticas de que dispõe. A apresentação das suas discipulas foi coroada do mais completo successo.

D. Fernanda Neuparth revelou-se uma notavel artista. Cantou o *Libro Santo* de Pinsuti e a *Vaga Donna* dos Huguenotes. A sua voz é fina, excelentemente modulada, de timbre suavissimo, dirigida com sentimento e intelligencia.

Para avaliar do valor artistico de D. Maria Emilia Pinto Rodrigues, basta saber dos trechos que executou, trechos da maior responsabilidade, como sejam o *rondó da Somnanmbula*, o *rondó da Lucia* e a *aria do Hamlet*.

Madame Rui Pereira, filha de D. Carolina Palhares, fez-se aplaudir calorosamente e justamente, na *aria do Freischutz* e na *Manon*.

Foi cheio de graça e encanto o dialogo cantado por Fernando Moutinho e menina Maria Antonia Ferreira Palhares de Seabra Pereira, apenas de 8 anos de idade, filha de Madame Rui Pereira.

E emfim, a sr.^a D. Carolina Palhares, ela própria, cantou, entre outros trechos, o *Simple aveu*, *Fado Triste* e o *Perdutamento*. E a sua voz, poderosa, emocionativa, cambiante, cheia de colorido e intenção, deixou a todos enlevados na magia da sua arte.

O concerto da insigne cantora-professora foi, pois, uma glorificação do bel canto e uma festa de encantamento que deixou suavemente nas almas agradabilissimas saudades.

Buddha e Christo

II

A sua doutrina

(Continuado do n.º antecedente)

Logo depois da morte de Buddha, reuniu-se em Pátaliputra, hoje Patna, numa excavação, um grande concílio de 500 discípulos, sob a presidência de Kasyapa, o Pedro do buddhismo, e no qual «cantaram juntos», a fim de melhor fixarem na memória, por não conhecerem a escrita, todos os ensinamentos e palavras do Mestre, dividindo-os em tres grandes secções chamadas *Pitakas* ou *cestos* e que contêm: o 1.º, as palavras de Buddha aos discípulos; o 2.º, as regras de vida; e o 3.º, a doutrina. E' o primeiro concílio búddhico, chamado *San-giti*, isto é, «canto em comum».

Estes tres *cestos*, transportados de memória para Ceilão dois séculos depois da morte de Gautama, só foram reduzidos á escrita no ano 88 antes de Christo na forma em que ao presente se encontram. Supõe-se que eles representam com fidelidade a doutrina do Mestre nas suas linhas gerais, embora consideráveis adições tenham sido feitas durante estes 4 séculos.

Um dos pontos cardinaes da doutrina búddhica é a crença na transmigração das almas, crença já existente no antigo hinduismo. «A vida, disse Buddha, não começa com o nascimento, nem termina com a morte. A vida e a morte são umas, porque a morte é apenas o nascimento em nova vida. A vida é uma grande roda, sempre a girar; o homem sobe com ela e desce até morrer para reaparecer com o novo giro.» E a relação de uma vida para a seguinte é a mesma que existe entre a chama de uma lâmpada e a chama de outra alumada por aquela.

Todos os males e sofrimentos do homem são o resultado de algum pecado nesta vida ou n'outra anterior. A sua condição neste mundo depende portanto dos seus próprios actos. Nenhum sacrificio aos deuses, nem oração dos padres ou de quem quer, podem lavar o pecado. O homem colhe o que semeia. Emquanto as suas acções forem más, reaparecerá sucessivamente na terra, até purificar a alma e aniquilar o Desejo, a causa do pecado. O resultado de todas as acções é o *Karma*, que é o que decide a condição da vida futura; se todas as acções, ou a maioria, forem boas, o homem alcança o *Nirvana*, aquela Grande Paz, o descanço final, onde não ha dôr nem prazer, e ao qual tendem a chegar todos os seres até os próprios deuses, depois de se fazerem budhas.

Buddha não disse que era deus, nem mesmo profeta enviado por Deus para ensinar os homens; não obrou nenhum milagre, embora, como sempre, livros posteriores lhe atribuam alguns da cura de cegos, surdos, paráliticos, etc. Manifestou a mais completa indiferença pelos vedas, os sacrificios, as castas e até pelos deuses do panteon hindu, a ponto de não se preocupar com a existência ou a não existência de Deus, que, segundo ele, não pode influir em nada no destino humano. O homem é o que a si próprio se faz. E' isto que tem levado muitos criticos a classificarem de ateismo a religião búddhica; toda a sua doutrina só ensina a prática da virtude nesta vida, ou por outra, como alguém escreve, o «buddhismo é a moral sem Deus», ou ainda, é «uma soberba tentativa para criar uma fé sem um Deus, para conceber uma libertação em que o homem se liberta a si proprio». (PROF. OLDENBURG.)

Não nos alongamos em expor aqui toda a doutrina de Buddha, nem as as abstrusas especulações filosóficas, em que os teólogos posteriores se embrenharam, para explicarem o Karma, o Nirvana, os Skandhas, etc. Vejamos só a moral e a organização do buddhismo comparadas com as do christianismo, porque a glória e o encarecimento d'aquella religião não estão nas doutrinas e crenças, que para Buddha tinham importância secundária, mas nos sublimes preceitos morais, que a colocam quasi ao par do christianismo. Nenhuma nação da antiguidade possuiu religião tão alta nos ensinamentos, tão pura no



TEMPLO DE BUDAH-GAYA

(Construido no sitio onde Gautama foi «iluminado», tendo ao lado a celebre figueira tradicional).

seu espirito e tão rica nas lições de caridade, perdão e amor, como a religião de Gautama.

Passemos portanto uma revista sumária pela sua doutrina.

Decálogo. — O seu decálogo, tão parecido em certos pontos como o Decálogo judaico-christão, encerra os seguintes preceitos.

1. Não matar nenhum ser vivo.
2. Não furtar.
3. Não cometer adulterio nem ser impuro.
4. Não mentir.
5. Não beber licôres espirituosos.
6. Não comer depois do meio dia.
7. Não assistir ás danças e espectáculos profanos.
8. Não usar perfumes.
9. Não usar leitões altos e moles.
- 10 Não aceitar ouro nem prata.

Destes 10 preceitos, os 5 primeiros obrigam a todos os buddhistas e os restantes só aos monges.

Alem destes preceitos encontra-se na Escritura búddhica uma exposição de todos os deveres do homem como pai, filho, esposo, mestre, etc., e que se podem resumir no seguinte:

«Os pais educam os filhos na virtude e nas artes, e os filhos honram os pais e os sustentam na velhice. Os discípulos obedecem e auxiliam os mestres, e os mestres instruem os discípulos na bondade e na sciencia. O marido é bom e fiel á sua esposa e honra-a e procura que seja honrada por outros, e a mulher é uma dona de casa frugal e diligente, boa hospitaleira e esposa casta e dedicada. Os amigos compartilham a ventura na prosperidade e são fieis no perigo e na adversidade. O amo é bom e o servo é diligente e contente. O leigo estima e respeita o homem religioso nas palavras e nas acções e o religioso



CHAITYA OU EGREJA BUDAHICA, EM KARLI, INDIA, ANO 78 antes DE CHRISTO

dissuade o leigo do vicio, exorta-o á pratica da virtude, e o ajuda apontando-lhe o caminho do ceu». (1)

(Continua.)

MARIANO SALDANHA.



Parques e jardins de Lisboa

Arboretos

V

(Continuado do n.º 1269)

Algumas divagações aqui trazemos ainda a proposito do *Parque Eduardo VII*. Completam as anteriores, e em especial as sugerem as illustrações que, n'outras paginas d'O OCCIDENTE, agora nos deixam ver a ideação a que se submeterá a estrutura d'essa grande peça ornamental da *urbs*, e, n'uma figurada perspectiva, desenharam a expressão pitoresca d'um dos seus trechos.

Será, este desenho, parcial explanação estetica d'aquella estrutura. E' expressiva nas suas promessas, representando as aguas jorrantes, mais copiosas de certo, em contraste com o denso arvoredo de caprichosas formas mais elevadas que, ao fundo, recortam o horisonte azul e luminoso. Melhor o diríamos se nos fosse dado ajustar o quadro á planta cotada do Parque, por ela ficando assinada a situação do trecho, e principalmente a sua concordância no conjunto do que está delineado e começa já a realizar-se como as circumstancias o permitem.

Para quem não conheça *de visu* a situação do Parque, é sobremaneira impressiva a reprodução d'aquello outro quadro, que é copia do natural, e que estampa o dilatado panorama que, pelo sul, corresponde ao miradouro que n'essa estancia se estabelece. Surge, o panorama, mais levantado, em seus aspectos citadinos, sobre o relevo orografico, dando-se nas suas curvas para um duplo anfiteatro, garrido em côres, esmaltado, que descahe sobre o amplo rasgamento de quatorze hectares da *Avenida da Liberdade*. O copioso macisso arboreo das suas cinco extensas alamedas ajardinadas, como que une, pela base, esses dois grandes ramos da *urbs*. Panorama a que as aguas do Tejo, sulcadas por alterosos barcos e mais simples e ligeiras vélas, dão o scintilante brilho dos seus aureo-argenteos reflexos; e, ao longe, n'uma impressão subitanea, se representam como laço que prende, nas suas culminancias, aqueles dois anfiteatros.

Com este panorama de eleição, quantos outros mais não assinalam a excepcional situação de Lisboa, concitando a que á sua maior grandeza, tambem vincada pela instrumentação moderna, se ali a feição de mais mimosa cidade do occidente da Europa?

Por isso mesmo, insistentemente vimos frisando a especial importancia das relações de concordancia estetica entre as modalidades architecturaes com que, por modernisa-la, se tem dotado Lisboa, e os tantos e singulares accidentes do seu relevo natural, tão de molde para n'ela se desenvolverem os attributos esteticos.

Nem esquecemos, certamente, que essas relações são, no seu todo, mais ou menos consentaneas ao que as circumstancias permitem, sendo portanto difficil fixa-las mais precisamente. A cada passo se reconhece que se encontram sujeitas a apreciações sempre variaveis, segundo o tempo, a raça, e a educação dos sentidos, e ainda a muitas e diversas influencias. Mas, tudo tem o seu logar; as suas regras de harmonia; cabendo, a proposito, acrescentar que todo o relevo orografico que a Arte se propõe vestir de galas vegetativas enlaçadas a outros e maiores ornatos, ou ás suas concepções quer amoldar, é de ponto suggestivo para que se não velem as perspectivas, ou mais rissonhas ou mais soberbas, que a esse relevo d'algun modo se prendem.

E' este o caso. E' pelo que deixamos já notado, afigura-se-nos que um lucido e artistico criterio presidiu á elaboração do plano do *Parque Eduardo VII*.

(1) «Casadas, estai sujeitas a vossos maridos, como convem ao Senhor. Maridos, amai a vossas mulheres, e não as trateis com amargura. Filhos, obedecel em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor. Pais, não provoquels a indignação a vossos filhos, para que se não façam de animo apoucado. Servos, obedecel em todas as cousas a vossos senhores temporais servindo com sinceridade do coração... (S. PAULO, Aos Colossenses, iii).

Quando assim o demonstre mais claramente a obra, ele rivalizará, mercê também da sua vastidão, com os parques que mais pomposamente exornam outras capitães e algumas cidades mais notáveis da culta Europa.

No tocante á plantação do Parque, pode ela atingir grande significação, e até vincar-se, em certo modo, mais característica, como deve ser, para constituir, simultaneamente com a sua feição pitoresca, uma notável demonstração de progresso.

A variedade — que tanto importa ao matiz d'essa plantação e aos contrastes — das espécies de ornamento, ou arboreas, ou arbustivas ou sub-arbustivas indígenas e exóticas com que se pôde compôr n'essa estancia a sua estrutura floral, e a fisionomia phytografica, é, com efeito, larga e mesmo notável, como vem dizendo já os jardins publicos de Lisboa e os arboretos citadinos. E ainda possível é augmenta-la com novas aquisições, mais ou menos formosas.

Por esta forma e consoante as mais racionais deliberações atinentes e bem encaminhadas praticas, o *Parque Eduardo VII*, luxuoso nos seus adereços, atraente pela sua amenidade, gracioso pela superior e omnicolor expressão da sua flóra, sobressairá como lição prestantissima.

Occorre-nos, pois, dizer que, ponderadas as condições do meio, conviria introduzir, na plantação do Parque, uma tal ou qual copia de essencias florestais, porém methodicamente, com elas delineando no conjunto das alamedas, ou sobre as curvas do relevo, a distribuição dos arvoredos no Paiz. Seria um lema, e também lição eloquente.

E quem se recusará a admitir que um dos ornamentos floreaes da aparatosa estancia, o constituam as arvores fructíferas de folha persistente, — não tendo nós agora em vista, a *Phoenix canariensis*, nem a *Phoenix dactylifera* — e sim essas de flôres mais olorosas e de maior formosura pela côr dos seus fructos? D'estas, figuram em primeira linha as mais doces e mimosas auranciaceas. Lembrariam que a sua introdução na Europa, d'algun modo se correlaciona com as grandes navegações e os notáveis descobrimentos dos portuguezes. Seriam para dizer que, desde logo e successivamente, começaram de opulentar e agora vem alindando as varzeas de Portugal, constituindo um dos seus titulos e assim vincando, ridente, a fabulação do jardim das Hesperides.

Acaso se oporá a este nosso voto a objecção de que a estetica dos parques, no seu ornamento floral; a dos jardins que n'elles se tracem e na sua composição se estilise em combinações de mais copiosas e varias flôres, ou ainda pitorescamente; não consente que ahí se mostre, a par do belo, o util?!

Não é, comtudo, a objecção para contrariar aquele pensamento, que estranhos e singulares exemplos vem sustentando. E aqui mesmo os temos, se recordarmos tradições mais graciosas.

Reproduzindo, pois, taes exemplos no *Parque Eduardo VII*, na sua fisionomia phytografica aselavam-se sympathias; e, do mesmo passo, alguns lindos traços d'uma expressão portugueza, que além, a selva e as alamedas com as essencias florestaes indígenas completariam.

Não fóra tão larga a medida do Parque, e não vissemos que uma terça parte da sua área, quasi alcança a grandeza do amplo rasgamento da Avenida da Liberdade.

Por esta se reconhece a possibilidade de introduzir na estrutura do Parque Eduardo VII alguns trechos pomologicos constituídos por aquelas arvores que se mostram e são decorativas.

Conjecturamos que outro capitulo d'essa estrutura o componham os jardins. N'este ponto, a Arte, convocada para os delinear, tanto pôde obedecer á sua propria inspiração, servida por especiaes conhecimentos, como ver-se subjugada por vistas retrospectivas que a levem por fim a acompanhar a *revolução* — fundamentalmente inglesa — que trouxe para a «Arte dos Jardins» delineamentos novos, mais naturaes.

Na ordem dos factos que directamente lhe interessam e constituem lição, encontramos motivo bastante para admitir que dão eles largo argumento para essa inspiração se revelar.

Quando, pois, uns tantos jardins venham ornamentando o Parque, caberia delinea-los, na diversidade da sua composição estetica, a par da Historia em que essa composição se estampa, e d'algun modo ainda se vê na actualidade.

Ahi se depararia o jardim na sua expressão italiana, esculturalmente adornado, em evocações historicas, de mais largo significado. Outro, na expressão franceza, tão famosa no seu desenho.

Concordantemente com o titulo de Parque, e como que fixando aquella *revolução*, o jardim

inglez, lindamente pitoresco pela combinação mais expressiva e por assim dizer espontanea, entre as variadas fórmãs da vegetação com que a Natureza a si mesma se engalana coroando-se de flores, — traçaria no quadro das harmonias d'aquella estancia um formosissimo trecho de mais vivos accordes, e desenharia o mimoso florão eloquente, delicadamente inserido na estrutura paysagista do Parque.

Por outro modo falaria o jardim do *typo* portuguez; — como quer que ele se desse antes, ornado pela escultura e pela ceramica, n'aquella a Historia nossa, n'esta a Arte; — como quer que se ofereça já na sua feição hodierna.

D'est'arte resaltariam mais interessantes comparações, e, o que muito mais vale, ficariam arquitetados ensinamentos de um certo tomo, por entre contrastes e cambiantes varios d'uma expressão em parte elevada e por outro modo interessante.

No plano superior do Parque, conforme diz a respectiva planta, elevar-se-á o grande palacio destinado ás Exposições. Somos levados a dizer que o seja para determinados certamens e especiaes exhibições. Por isso mesmo, a sua feição arquitetural não pode ser vulgar senão muito característica. Eis que lembra que, de preferencia, se recorra aos marmores que no País abundam, com o que e a par da demonstração que seria, também se vincava mais alto a sua beleza. Pois não?

De momento, notamos esta indicação da planta, cingindo-nos ao que é decorativo. E por que, esse edificio virá substituindo, em parte, o abrigo que, no entanto, terá de formar-se ao norte do Parque, n'uma cota elevada, com um mais denso e extenso massiço florestal. Vem, este, correspondendo ás regras da estetica nas suas applicações aos parques e jardins pitorescos. Perfeitamente, e por outras considerações que omitimos.

Por secundario, e, por agora, considerado menos interessante, o panorama que se dilata para o norte do Parque, d'este ficará desligado pela enterposição d'aquella massiço. A todo o tempo ahí se rasgarão miradoiros, e até mesmo o mais alto se oferecerá, talvez, nos terraços d'aquella edificio. E' uma suposição, não destituída de fundamento, como também a que nos leva a figurar traçadas, atravez os campos adjacentes, avenidas de ligação do Parque Eduardo VII ao Parque das Laranjeiras.

O grande *belveder*, cuja situação vem marcada na planta do *Parque Eduardo VII*, dominará os correspondentes panoramas, e ainda varios meandros d'essa estancia. No entanto afigura-se-nos que a situação d'esta e a sua configuração, lembram e quasi exigem o estabelecimento, sobre a periferia, de varandas mais amplas, adequadamente estilisdhs. E' estilo antigo? Talvez!

Apesar d'isso, constituiriam uma exteriorisação mais graciosas e até mesmo nobre. Sobremodo interessantes, quando, sob um toldo vicejante e

mais enflorado, se oferecessem para d'ahi a vista se dilatar com os aspectos varios do Parque, com o movimenço que mais anime as suas alamedas e jardins; ou, em extenso passeio, para impresões panoramicas e ainda balcão d'onde se disfructe o espectáculo em que as modalidades da fluctuação urbana se movimentam pelas largas e pomposas avenidas exteriores e adjacentes a estrutura do Parque.

A evolução que vem trabalhando a aglomeração citadina; a multiplicidade dos meios de que se lança mão para aprimorar usos e costumes, para generalisar conhecimentos, despertar e encaminhar vocações; e emfim, para engrandecer a civilização nossa; levam a admitir, — independentemente de todos os propositos melagomanos — que o ideado *Parque Eduardo VII*, virá satisfazer exigencias d'aquella evolução. Virá ainda, e por diferentes modos, tornar mais eficaz a applicação dos varios meios com que se alcance assinalar, n'essa aglomeração, melhor temperamento nas tendencias, tornar mais vivo o sentimento e fixar mais lucida a compreensão das obras grandes com que a vida se tece, e dos tantos esforços com que se alimenta o progresso.

Mais do que uma grande peça ornamental para as ufânias da nobre Lisboa, o Parque Eduardo VII, comporá pelas suas modalidades — quando bem compreendidas e melhor aproveitadas — um poderoso factor de influencia summa na saude fisica e na educação intelectual da geração que, ainda descuidosa, ahí se apresenta para as lutas da vida.

Esta afirmada convicção nossa, aqui a damos por justificar o muito que a proposito discreteámos.

F. JULIO BORGES.



Pelos teatros

Trindade

Nua!... Opereta, em três actos, de Bruno Harti.

Ao publico frequentadôr deste teatro, consegue, por vezes, arrancar aplausos calorosos. Nós, que de começo, apreensivos, em todo o caso indifferentes, assistiamos á sua representação, a magia encantadôra da musica arrebatou nos, por momentos, de vencida. O concertante do final do 1.º acto, correctamente executado, insinua-se, de sympathia, irresistivelmente, no nosso ouvido. A valsa do 2.º acto, o dueto entre a filha do milionario russo e o seu secretario são notaveis de graciosidade. A canção da florista Dorette sensibiliba suavemente.

A empreza tentou corresponder aos intuitos da peça dispensando um guarda-roupa e scenario vistosos. Sobre tudo, o scenario do 3.º acto, pelo



TEATRO DA TRINDADE — Nua!... SCENA DO 1.º ACTO

Júdice da Costa

Amadeu Ferrari

fundos habilmente ornamentados e no momento proprio iluminados, produz efeitos optimos.

De resto, *Nua*... é uma simples opereta alemã, com os efeitos baratinhos e qualidades adoráveis do genero. A mesma tenuidade de enredo, extravagancia de episodios, falsidade comoda de situações e os mesmos numeros agradaveis de musica — caracterizam a opereta que ora alcança no palco do Teatro da Trindade sucesso em noites repetidas.

Judice da Costa contribuiu, em muito, pela distincção elegante do seu porte e correcção da sua bela voz, para o aplauso veemente que coroou a primeira representação.

Beatriz Baptista interpreta com graciosidade e vivacidade o seu papel delicioso de filha de Pintschoff.

Amadeu Ferrari revela-se inalteravelmente sempre o mesmo cantor.

Republica

Festa de Luis Cardoso

Realisou, dia 28, a sua Festa de Arte — o intelligente secretario do Teatro da Republica, sr. Luis Cardoso.

Desnecessario será dizer que essa elegante e altamente conceituada sala-de-espectaculos da Rua Antonio Maria Cardoso se encontrou, a horas prefixas, literalmente plena, concorrida por uma assistencia distinta e numerosissima. De espanto seria que isto não acontecesse, tantas simpatias o sr. Luis Cardoso soube colher no meio lisboeta de arte e letras.

Demais, esta recita extraordinaria, tornou-se, quasi, de despedida da Companhia Portugueza desse teatro. O programa foi, na verdade, atraente.

Representou-se a famosa *Timidês de Cornelio Guerra* onde Eduardo Brazão tem um papel de

destaque como comico irresistivel, elegante de atitudes e impecavel de dicção. Colaboraram nesta obra Chaby, Henrique Alves, Leonôr Faria e Jesuina Saraiva.

Ferreira da Silva revelou-se, como sempre, um grande artista na interpretação da celebre peça de Bracco — *Pietro Caruso*.

Além disto, fôram representados com sumo agrado esses delicados trechos literarios de Julio Dantas — *Ceia dos Cardeaes* e *Dia de Festa*.



Memorias Auto-Biograficas de A. M. Lopes de Carvalho, socio correspondente do Instituto de Coimbra, da Real Associação Central d'Agricultura Portugueza, comendador da Ordem Militar de S. Tiago, etc., etc. Imprensa de Manuel Lucas Torres, Lisboa. Um volume in-8.º de 364 paginas, illustrado com muitas gravuras, na maioria retratos de parentes e pessoas amigas do autor.

Não é este livro destinado ao commercio literario e, por isso tanto mais para agradecer a oferta com que o autor nos distinguiu. Livro de *Memorias*, se por um lado é de caracter mais intimo, por outro não deixa de interessar, visto que se restringe a parentes e amigos do autor, como todas as *Memorias*, onde se encontram subsidios, muitas vezes aproveitados mais tarde pela historia, não estando isente desta qualidade as *Memorias Auto-Biograficas de A. M. Lopes de Carvalho*, autor de varias obras sobre agricultura, que desde 1879 vem dando á estampa com bom aproveitamento para a sciencia agricola.

Impossivel de resumir numa simples noticia tudo a que este livro de *Memorias* se refere nos seus XXI capitulos num longo periodo em que, pelo menos, nos ultimos trinta anos o autor foi testemunha dos factos que relata, é certo, como diz, no proemio, o autor: «... tive a felicidade de tratar com muita gente, entre a qual encontrei bons e devotados amigos, alguns d'elles em situação muito vantajosa na sociedade, quanto a posição, intelligencia, funções exercidas, etc., dar a largos traços a noticia biografica dessas pessoas; e como visitei algumas terras do país, dar dessas

terras e de seus monumentos breves mas verdadeiras descrições.»

Este simples enunciado diz do interesse destas *Memorias*, sabendo-se que muitas das pessoas com quem o autor tratou eram figuras importantes, da sciencia, das artes, do commercio, das finanças e da politica, relatando ainda muitos dos principaes acontecimentos ocorridos, em que tomou parte ou foi testemunha.

E' tambem importante a coleção de retratos de personagens que illustram as paginas destas *Memorias*, alguns dos quaes só neste livro se encontrarão.

Com desvanecimento guardamos este aprecivel livro que seu autor nos ofereceu, ao qual reitamos os nossos agradecimentos.



O MEZ METEOROLOGICO

Março, 1914

Barometro — Max. 777^{mm}.7 em 15.

Min. 756^{mm}.5 em 9.

Termometro — Max. 2^o.1 em 30.

Min. 6^o.6 em 3.

A temperatura conservou-se normal em todo o mez, apenas com alguma elevação nos dois ultimos dias do mez.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 10 dias.

Ceu nublado 16 dias.

Ceu encoberto 5 dias.

Chuva — 27^{mm}.4 em 10 dias.

Horas de sol — 203^h.51.

Vento dominante — N NW.



PENSAMENTOS

As pessoas novas são como a natureza as fez; as velhas foram fabricadas pelas mãos muitas vezes desastradas da sociedade.—Edmond About.

A minha vida ensinou-me que tenho muito a esquecer e muito de que me perdoarem.—Bismarck.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.— Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suizo sobre cambraia, voile, crépon, toile e sobre sedas novidade. Peçam, a nossa colleção 163 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias